

CRIANÇAS LADRONAS: MÍDIA, MARGINALIDADE E PRECONCEITO RACIAL EM CAPITÃES DA AREIA

THIEVING CHILDREN: MEDIA, MARGINALIZATION, AND RACIAL PREJUDICE IN CAPTAINS OF THE SANDS

NIÑOS LADRONES: MEDIOS DE COMUNICACIÓN, MARGINALIDAD Y PREJUICIO RACIAL EN CAPITANES DE LA ARENA

Emilly Marielle de Almeida Ferreira Aquino¹
Thays Carvalho Cesar²

Resumo

Este trabalho investiga a representação da infância marginalizada na obra Capitães da Areia, de Jorge Amado, analisando como o romance evidencia a interseção entre pobreza, racismo e exclusão social. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, comparando a narrativa literária com representações midiáticas contemporâneas sobre menores infratores, a fim de identificar convergências e divergências entre ficção e realidade. Observa-se que, enquanto a literatura humaniza e denuncia as condições degradantes enfrentadas por essas crianças, a mídia frequentemente reforça estereótipos e criminaliza os jovens em situação de vulnerabilidade. A análise fundamenta-se no conceito de verossimilhança, conforme discutido por Antonio Cândido, evidenciando como a ficção constrói uma representação coerente da realidade, mesmo sem reproduzi-la fielmente. Além disso, o estudo destaca a postura estratégica da literatura na crítica social, demonstrando que obras como *Capitães da Areia* não apenas refletem desigualdades históricas, mas também contribuem para a sensibilização e o debate público sobre a marginalização infantil.

Palavras-chave: infância marginalizada; exclusão social; racismo estrutural; literatura e crítica social; representação midiática.

Abstract

This study investigates the representation of marginalized childhood in *Captains of the Sands*, by Jorge Amado, analyzing how the novel highlights the intersection of poverty, racism, and social exclusion. The research adopts a qualitative approach, comparing the literary narrative with contemporary media portrayals of juvenile offenders, in order to identify convergences and divergences between fiction and reality. It is observed that, while literature humanizes and denounces the degrading conditions faced by these children, the media often reinforces stereotypes and criminalizes youth in vulnerable situations. The analysis is based on the concept of verisimilitude, as discussed by Antonio Cândido, showing how fiction constructs a coherent representation of reality, even without reproducing it faithfully. Furthermore, the study emphasizes literature's strategic role in social critique, demonstrating that works like *Captains of the Sands* not only reflect historical inequalities but also contribute to raising awareness and fostering public debate on child marginalization.

Keywords: marginalized childhood; social exclusion; structural racism; literature and social critique; media representation.

Resumen

Este trabajo investiga la representación de la infancia marginada en *Capitanes de la Arena*, de Jorge Amado, analizando cómo la novela evidencia la intersección entre pobreza, racismo y exclusión social. La investigación adopta un enfoque cualitativo, comparando la narrativa literaria con representaciones mediáticas contemporáneas sobre menores infractores, con el fin de identificar convergencias y divergencias entre la ficción y la realidad. Se observa que, mientras la literatura humaniza y denuncia las condiciones degradantes que enfrentan estos niños, los medios de comunicación suelen reforzar estereotipos y criminalizar a los jóvenes en situación de vulnerabilidad.

¹ Bacharel em Letras pelo Centro Universitário Internacional UNINTER.

² Professora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

El análisis se fundamenta en el concepto de verosimilitud, según lo discutido por Antonio Candido, evidenciando cómo la ficción construye una representación coherente de la realidad, aunque no la reproduzca fielmente. Además, el estudio destaca el papel estratégico de la literatura en la crítica social, demostrando que obras como *Capitanes de la Arena* no solo reflejan desigualdades históricas, sino que también contribuyen a la sensibilización y al debate público sobre la marginalización infantil.

Palabras clave: infancia marginada; exclusión social; racismo estructural; literatura y crítica social; representación mediática.

1 Introdução

A representatividade literária tem sido uma ferramenta estratégica para questionar as estruturas sociais e propor reflexões sobre temas sensíveis, como desigualdade, pobreza e exclusão. No Brasil, *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, emerge como uma obra icônica ao abordar as vivências de crianças em situação de vulnerabilidade, evidenciando, por meio da ficção, questões estruturais relacionadas à pobreza, ao racismo e à marginalização infantil. Escrito no contexto modernista, o romance transita entre a denúncia social e o lirismo narrativo, conferindo voz a uma infância frequentemente silenciada pelo discurso oficial e pelas representações midiáticas.

A escolha de *Capitães da Areia* como objeto de análise neste artigo justifica-se pela relevância da obra no cenário literário brasileiro, bem como pela sua capacidade de provocar debates sobre temas ainda atuais, como o impacto da pobreza e do racismo nas trajetórias de crianças marginalizadas. A trama, centrada em um grupo de meninos de rua que luta para sobreviver em Salvador, destaca o protagonismo de Pedro Bala, uma figura branca que se contrapõe à maioria negra de seus companheiros, demonstrando como raça e classe interseccionam-se na experiência da exclusão social.

No entanto, as questões exploradas pelo romance não se limitam ao âmbito da ficção. A análise das representações de crianças em situação de vulnerabilidade na obra, e sua contraposição às narrativas midiáticas contemporâneas, permite um olhar crítico sobre a forma como a sociedade brasileira percebe e retrata essas crianças. Diante disso, este artigo pretende responder de que maneira a obra *Capitães da Areia* revela as relações entre pobreza, racismo e exclusão social, enquanto denuncia a marginalização da infância em um contexto que articula literatura e representações midiáticas. Tal questão revela-se pertinente na medida em que permite problematizar as estratégias narrativas da obra, bem como discutir os paralelos entre a ficção literária e as dinâmicas sociais que persistem ao longo do tempo.

O presente estudo tem como objetivo geral investigar a representação da infância marginalizada na obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, problematizando a interseção entre pobreza, racismo e exclusão social. Os objetivos específicos incluem situar a obra no contexto

do modernismo brasileiro, com destaque para a crítica social de Jorge Amado; analisar as dinâmicas de raça e classe evidenciadas na construção dos personagens; e comparar as representações midiáticas da marginalidade infantil no romance com as notícias e narrativas contemporâneas sobre o tema.

Para o desenvolvimento deste estudo, optou-se por uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise literária e midiática. O foco recai sobre o romance *Capitães da Areia*, que será examinado a fim de explorar as representações sociais e raciais de crianças marginalizadas e analisar como essas representações são manipuladas pela mídia para camuflar falhas estruturais. Entre os autores que fundamentam esta análise, destacam-se Pauletti e Botoso (2018), que, no artigo *Adolescência e marginalização em Capitães da Areia*, discutem como Jorge Amado evidencia desigualdades de classe e a exclusão social de crianças em situação de rua. Almeida (2019), em sua obra *Racismo Estrutural*, aprofunda a compreensão do racismo como componente central das dinâmicas de exclusão, complementando a análise das tensões raciais no romance. Por fim, Sinigaglia e Alves (2017), no artigo *Injustiças sociais e marginalização, sob a ótica de Capitães da Areia*, destacam a função da literatura como ferramenta de denúncia e crítica às injustiças estruturais.

Além dessa introdução, o artigo será dividido em quatro seções principais: Contexto da obra, que abordará a biografia do autor, o contexto modernista e a crítica social presente no romance; Crianças ladronas: pobreza e racismo em *Capitães da Areia*, que discutirá a relação entre classe, raça e exclusão social; A marginalidade infantil na mídia brasileira: ficção X realidade, que analisará os paralelos entre a narrativa literária e a cobertura midiática contemporânea; e Considerações finais, que retomarão os principais pontos do estudo e reforçarão a importância da literatura na crítica às desigualdades sociais.

2 Contexto da obra

O Modernismo brasileiro, segundo estudos, buscava alinhar a literatura ao progresso nacional, refletindo criticamente as mudanças sociais e culturais do período (Bosi, 2006). Esse contexto inspira a obra *Capitães da Areia*, na qual Jorge Amado denuncia as desigualdades e a exclusão social, características marcantes de sua época. Jorge Amado, um dos principais romancistas brasileiros, nasceu em 10 de agosto de 1912, no distrito de Ferradas, Itabuna, Bahia. Filho de fazendeiros de cacau, viveu desde cedo os conflitos fundiários e a miséria das populações marginalizadas, cenários que moldaram sua obra. Participante da geração de 1930, Amado integrou o modernismo brasileiro com uma literatura marcada pelo engajamento social.

Sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) influenciou profundamente sua trajetória, levando-o à prisão em 1936 e novamente em 1937, acusado de envolvimento com a Intentona Comunista e de atividades subversivas ao governo autoritário do Estado Novo. No mesmo ano, seu romance *Capitães da Areia* foi apreendido pelas autoridades, levando o autor a buscar refúgio na Colômbia. Contudo, ao retornar ao Brasil em dezembro de 1937, foi detido e permaneceu preso por um período significativo. Paralelamente, em Salvador, exemplares de suas obras foram queimados em praça pública como parte da repressão política.

O romance *Capitães da Areia*, publicado em 1937, é uma das obras mais emblemáticas de Jorge Amado. Por meio da narrativa da vida de crianças abandonadas que formam um grupo para sobreviver nas ruas de Salvador, o autor denuncia a exclusão social e a desigualdade estrutural que caracterizavam a sociedade brasileira no período. A obra foi escrita em um contexto histórico marcado pela crise econômica mundial, pela ascensão do governo de Getúlio Vargas e pela consolidação do regime autoritário do Estado Novo. Ao humanizar os jovens protagonistas, Jorge Amado revela suas lutas, sonhos e solidariedade, enquanto critica a violência institucional e o abandono estatal que perpetuam a marginalização dessas populações. A crítica social presente na obra dialoga com análises contemporâneas, como a de Jessé Souza, que aborda a exclusão das classes subalternas, desprovidas de capital econômico e cultural. Souza (2009) destaca que a perpetuação da desigualdade no Brasil é sustentada por um mito de meritocracia e igualdade de oportunidades. *Capitães da Areia* expõe essas dinâmicas ao retratar os jovens marginalizados como vítimas de um sistema opressor, mas também como agentes de resistência coletiva. A solidariedade entre os membros do grupo emerge como uma forma de contestação e sobrevivência em meio às adversidades impostas pelo abandono estrutural.

Do ponto de vista literário, a obra insere-se no "novo naturalismo", caracterizado por Bastide (1957) como uma combinação de realismo e engajamento ideológico. Segundo Silva (2022), Jorge Amado utiliza *Capitães da Areia* como uma ferramenta política, denunciando as contradições de um sistema que marginaliza seus cidadãos mais vulneráveis. A narrativa acessível e a ênfase na voz dos excluídos não apenas expõem a realidade social, mas também sugerem a necessidade de transformação estrutural, consolidando a obra como um marco do romance social brasileiro.

Por fim, *Capitães da Areia* transcende seu contexto histórico e permanece relevante ao abordar questões atemporais como a desigualdade social, o abandono infantil e a violência estatal. Jorge Amado, por meio de uma linguagem sensível e engajada, denuncia as injustiças do sistema ao mesmo tempo em que celebra a força e a resiliência dos oprimidos. Assim, sua obra ultrapassa os limites da literatura, consolidando-se como um documento histórico e social

essencial para compreender as persistências das desigualdades estruturais no Brasil.³

3 Crianças ladronas: pobreza e racismo em Capitães da areia

A obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, retrata de forma profunda e sensível a realidade das crianças abandonadas que vivem nas ruas de Salvador, durante o início do século XX. Essas crianças, organizadas em um grupo chamado Capitães da Areia, vivem à margem da sociedade, sobrevivendo por meio de pequenos furtos e enfrentando diariamente os desafios da pobreza extrema, da exclusão social e da violência. Conforme apresenta Jorge Amado:

“Vestidos de farrapos, sujos, sei esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas.” (Amado, 1937, p. 29).

A partir dessa descrição, Jorge Amado nos apresenta um grupo de crianças que desafia os limites impostos por sua condição social, mas que, ao mesmo tempo, é profundamente marcado pela exclusão e pelo preconceito. Essas crianças são vistas pela sociedade como uma ameaça ou como figuras indesejadas, sendo reduzidas a estereótipos de “delinquentes”. No entanto, a leitura mais atenta da obra revela que, por trás dessa imagem estigmatizada, há vidas atravessadas por questões estruturais, como a pobreza e, especialmente, a raça.

De acordo com Almeida (2019), em *Racismo Estrutural*, a raça não se baseia em fundamentos biológicos, mas é compreendida como uma construção social e histórica, criada especialmente para justificar desigualdades e estabelecer hierarquias que beneficiam certos grupos enquanto desfavorecem outros.

Essa perspectiva nos ajuda a compreender como, em *Capitães da Areia*, a experiência dessas crianças é construída a partir de uma visão que mistura preconceito racial e exclusão econômica. Embora todos os membros dos Capitães da Areia compartilhem a mesma condição de pobreza, a forma como são vistos pela sociedade é atravessada por sua cor de pele. A maioria dessas crianças, descritas como negras ou mestiças, carrega não apenas o peso da miséria, mas também o do racismo, que as posiciona no estrato mais baixo da hierarquia social. A exclusão que enfrentam, portanto, não se limita à pobreza, mas é amplificada pela cor da pele, o que determina o grau de marginalização e estigma que sofrem.

³ As informações acerca da biografia foram retiradas do livro *Capitães da Areia* a partir da página 279.

4 A marginalidade infantil na mídia brasileira: ficção x realidade

A marginalidade infantil é um tema que atravessa tanto a literatura quanto as representações midiáticas, sendo abordado sob diferentes perspectivas. Em *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, publicado em 1937, a infância marginalizada é apresentada de forma humanizada, enfatizando as condições precárias em que vivem os meninos de rua de Salvador. A obra revela como esses jovens são vítimas da exclusão social, sujeitos a repressão policial e institucional, ao mesmo tempo em que constroem laços de solidariedade e resistência entre si. Já na mídia contemporânea, observa-se uma representação distinta, frequentemente associada ao discurso da criminalização. Reportagens, como a publicada pelo *O Globo*, sobre as unidades de ressocialização de menores infratores no Rio de Janeiro, destacam as condições de superlotação, maus-tratos e precariedade estrutural, evidenciando um sistema que, em vez de promover a reintegração social, agrava a vulnerabilidade desses jovens (Schmidt, 2017).

Apesar das diferenças nas abordagens, há pontos de convergência entre a ficção e a realidade. Em ambas, a marginalidade infantil surge como resultado das desigualdades sociais e da ausência de políticas públicas eficazes. Em *Capitães da Areia*, Jorge Amado denuncia a violência sofrida por esses jovens, como evidencia a carta de uma das personagens publicada no começo do livro: “O menos que acontece pros filhos da gente é apanhar duas e três vezes por dia. O diretor de lá vive caindo de bêbedo e gosta de ver o chicote cantar nas costas dos filhos dos pobres” (Amado, 1937, p. 13-14).

O trecho ilustra como os reformatórios da época, em vez de oferecerem proteção ou assistência, eram marcados pela brutalidade e pela negligência. A mesma lógica se mantém nas instituições atuais, conforme denuncia a reportagem do *O Globo*, ao relatar que as unidades de ressocialização de menores infratores seguem sendo espaços de punição, onde a violência física e psicológica é parte da rotina (Schmidt, 2017). Esse dado se alinha a outra passagem da obra, na qual se afirma que “as crianças no aludido reformatório são tratadas como feras [...] fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos” (Amado, 1937, p. 15-16).

Uma matéria da BBC Brasil aprofunda essa questão ao mostrar como, mesmo após cumprirem suas penas nas unidades socioeducativas, muitos jovens infratores enfrentam um cenário de abandono e falta de oportunidades, levando à reincidência criminal. De acordo com a reportagem, sem apoio social ou perspectivas de emprego, esses adolescentes são frequentemente empurrados de volta para o crime, repetindo o ciclo de marginalização. Esse aspecto reforça um ponto essencial: enquanto a ficção de Jorge Amado cria uma trajetória de redenção para alguns

de seus personagens, como Pedro Bala, que se torna líder revolucionário, a realidade raramente oferece finais tão promissores para esses jovens. A literatura sugere que a marginalidade pode ser superada pela coragem e pela união entre os oprimidos, mas os relatos jornalísticos evidenciam um destino muito mais implacável para os menores infratores da vida real.

Entretanto, apesar dessas semelhanças, há também diferenças significativas entre a ficção e a realidade. Jorge Amado, ao construir a narrativa, romantiza certos aspectos da marginalidade infantil, conferindo aos protagonistas um caráter quase heróico. Os Capitães da Areia não são apenas vítimas, mas também personagens carismáticos, donos de uma liberdade e astúcia que os tornam figuras emblemáticas, como demonstra o seguinte trecho:

“Vestidos de farrapos, sujos, semi esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas.” (Amado, 1937, p. 22).

Na realidade, contudo, a vida desses jovens tende a ser ainda mais brutal e desprovida de perspectivas. A mídia, ao relatar casos de menores infratores, muitas vezes adota um tom sensacionalista, reforçando o estigma da criminalidade juvenil, enquanto a ficção busca despertar a empatia no leitor. Além disso, enquanto Capitães da Areia apresenta a marginalidade como uma espécie de aventura trágica, com personagens que resistem e desafiam o sistema, a realidade revela que a maioria desses jovens enfrenta um destino muito mais cruel e irreversível, conforme apontado na reportagem da BBC Brasil (Machado, 2019). Enquanto na literatura há espaço para redenção e recomeço, a cobertura jornalística frequentemente retrata esses jovens como ameaças à sociedade, reforçando o discurso de punição em vez de reabilitação.

A distinção entre essas representações pode ser compreendida à luz do conceito de verossimilhança, fundamental para a teoria da literatura. De acordo com Antonio Cândido, a verossimilhança não se refere apenas à fidelidade dos eventos narrados em relação ao mundo real, mas à coerência interna da obra, ou seja, à maneira como os elementos do enredo se organizam de modo convincente dentro da lógica da narrativa (Cândido, 2006). Isso significa que Capitães da Areia não precisa reproduzir a realidade de forma exata para ser eficaz em sua crítica social. A obra cria um universo em que os personagens, ainda que romantizados, parecem autênticos e fazem o leitor acreditar na veracidade daquela história. A força do romance reside na construção de personagens críveis, que, mesmo situados em uma narrativa ficcional, apresentam emoções, dilemas e comportamentos reconhecíveis, o que reforça a teoria de Cândido.

A teoria da literatura reforça que a ficção não apenas reflete a realidade, mas a reinterpreta e a reestrutura para produzir determinados efeitos estéticos e ideológicos. Como

apontado no estudo A Personagem de Ficção, um romance pode conter elementos irreais e, ainda assim, construir um universo crível, desde que haja coerência na organização da narrativa (Candido *et al.*, 2013). Assim, enquanto a mídia se ancora na factualidade e nos dados concretos, a literatura possui liberdade para selecionar, estilizar e dramatizar os acontecimentos, de modo a impactar emocionalmente o público.

Terry Eagleton também contribui para essa discussão ao afirmar que a literatura não deve ser vista como um simples reflexo da realidade, mas como um discurso que molda nossa percepção do mundo (Eagleton, 2006). Capitães da Areia exemplifica essa ideia ao construir uma visão específica sobre a infância marginalizada, influenciando a maneira como o público interpreta essa questão. Ainda que não seja um retrato fiel da realidade, a obra de Jorge Amado ajuda a sensibilizar e a gerar empatia, contrapondo-se à abordagem muitas vezes desumanizadora da mídia.

Dessa forma, a análise da marginalidade infantil na ficção e na mídia evidencia que a literatura não apenas reproduz a realidade, mas contribui para a construção dos imaginários sociais sobre ela. Enquanto a literatura, mesmo ao romantizar a infância marginalizada, pode despertar empatia e reflexão, a mídia, ao enfatizar apenas os atos infracionais dos menores, muitas vezes reforça o medo social e incentiva políticas mais punitivas, em vez de soluções estruturais. Assim, a ficção se afirma não apenas como um espelho do mundo real, mas como um instrumento de questionamento e transformação social.

5 Considerações finais

A literatura desempenha um papel fundamental na reflexão sobre as desigualdades sociais e na construção do imaginário coletivo. Ao longo deste estudo, analisou-se como Capitães da Areia, de Jorge Amado, denuncia a marginalidade infantil e a exclusão social, contrapondo-se às narrativas midiáticas contemporâneas, que frequentemente reforçam a criminalização desses jovens. A obra, situada no contexto modernista brasileiro, humaniza os protagonistas, destacando a interseção entre pobreza, racismo e violência institucional. Enquanto a literatura dá voz a esses sujeitos historicamente silenciados, a mídia, ao enfatizar a delinquência juvenil, muitas vezes contribui para o reforço de estereótipos que legitimam práticas repressivas.

Ao comparar a representação ficcional dos Capitães da Areia com reportagens atuais, identificou-se um paradoxo entre ficção e realidade. Se, por um lado, Jorge Amado constrói uma narrativa que mistura denúncia social e lirismo, conferindo aos personagens certa autonomia e capacidade de resistência, por outro, as reportagens da BBC Brasil (Machado, 2019) e do O Globo

(Schmidt, 2017) evidenciam que as unidades socioeducativas perpetuam um ciclo de exclusão e violência, dificultando a reinserção social dos jovens infratores. Enquanto Pedro Bala, na ficção, encontra um caminho de transformação ao se tornar líder revolucionário, a realidade aponta para um destino bem mais cruel para esses adolescentes, que, ao deixarem as instituições, enfrentam a falta de oportunidades e o alto índice de reincidência criminal.

O conceito de verossimilhança, conforme discutido por Cândido (2006), foi essencial para compreender essa discrepância. A literatura não tem a obrigação de ser um reflexo exato da realidade; sua função é construir um universo coerente que dialogue com o real, mas que também o reinterprete. *Capitães da Areia* não busca apenas representar a infância marginalizada, mas provocar empatia e reflexão crítica no leitor. Segundo Cândido (2006), a literatura não apenas espelha a sociedade, mas também a influencia e a transforma, tornando-se um agente ativo na construção das mentalidades e das percepções sobre temas sociais.

Além disso, a relação entre literatura e sociedade vai além da mera reprodução da realidade. Cândido (2006) enfatiza que a literatura pode ser uma ferramenta de resistência e transformação, na medida em que expõe as contradições e injustiças do sistema social. *Capitães da Areia*, ao se contrapor às narrativas criminalizantes da mídia, demonstra esse potencial ao humanizar aqueles que, no discurso oficial, são reduzidos a estatísticas da criminalidade. Essa postura crítica da literatura permite ampliar o olhar sobre questões sociais, abrindo espaço para debates que extrapolam o campo estético e alcançam a esfera política.

Dessa forma, este estudo reafirma a importância da literatura como um instrumento estratégico de crítica social e de contestação da realidade imposta. Mais do que um espelho da sociedade, a literatura tem o poder de desconstruir discursos hegemônicos e propor novas perspectivas sobre problemas históricos, como a marginalidade infantil. Ao possibilitar uma visão mais complexa e humanizada sobre esses jovens, *Capitães da Areia* permanece uma obra essencial para a compreensão das desigualdades estruturais do Brasil, demonstrando que a ficção pode, sim, ser um espaço de luta e resistência contra a naturalização da exclusão social.

Referências

- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.
- AMADO, J. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1937.
- BASTIDE, R. **O novo naturalismo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, A. *et al.* **A personagem de ficção.** 2^a edição. São Paulo: Editora Perspectiva.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MACHADO, L. **Como o Brasil trata menores infratores dos tempos do Império até hoje.** BBC Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47661497>. Acesso em: 27 fev. 2025.

PAULETTI, H. L. C. T.; BOTOSO, A. Adolescência e marginalização em Capitães da Areia. **Revista Fólio,** [s. l.], v. 4, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3444>. Acesso em: 20 out. 2025.

SCHMIDT, S. Unidades de ressocialização de menores infratores são precárias e superlotadas no Rio. **O Globo**, 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/unidades-de-ressocializacao-de-menores-infratores-sao-precarias-superlotadas-no-rio-21430866>. Acesso em: 27 fev. 2025.

SILVA, A. A. Jorge Amado em tempos de militância (1930-1933). **Revista Espaço Livre,** [s. l.], v. 7, n. 13, p. 07-14, 2022. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rel/article/view/620/>. Acesso em: 20 out. 2025.

SINIGAGLIA, B.; ALVES, C. R. S. **Injustiças sociais e marginalização, sob a ótica de Capitães da Areia de Jorge Amado.** Cruz Alta: Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), 2017. Pesquisa vinculada ao GEPELC – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Linguagens e Comunicação.

SOUZA, J. **A ralé brasileira: quem é e como vive.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

Data de submissão: 07/07/2025

Data de aceite: 07/08/2025